

## Entre fronteiras: Pacaraima e Santa Elena de Uairén

Fabricio Paiva Mota<sup>1</sup>  
UFS/PPGL/UFRR  
fabricaos@yahoo.com.br

**Resumo:** O artigo descreve a fronteira Pacaraima (Roraima, Brasil) / Santa Elena de Uairén (Gran Sabana, Venezuela) como um espaço de intensa mobilidade e contato linguístico. Desde 2015, a crise venezuelana ampliou a migração e transformou a região em cenário de tensões e conflitos, ao mesmo tempo em que reforçou vínculos cotidianos que excedem o “legal” e o “geográfico”. As cidades são “gêmeas” e separadas por uma fronteira seca de cerca de 15 km, historicamente enquadrada por tratados como o de 1859. Pacaraima tem grande parte de seu território em Terras Indígenas (São Marcos; Raposa Serra do Sol) e abriga um mosaico sociolinguístico com português, espanhol e línguas indígenas (taurepang, makuxi, arekuná, wapixana). O fluxo diário favorece interações comunicativas flexíveis e, na prática, o entendimento ocorre por alternância e acomodação linguística. A migração triplicou o número de estudantes e tornou a escola um ambiente multilíngue, gerando desafios para professores. No turismo e no comércio da Gran Sabana, o contato mostra forte presença do português, variando conforme a área. Conclui-se que a fronteira é complexa, mas o intercâmbio cultural-linguístico sustenta sua dinâmica.

**Palavras-chave:** Pacaraima; Santa Elena de Uairén; fronteira Brasil–Venezuela; cidades gêmeas; migração venezuelana; fronteira seca; contato linguístico

## Between Borders: Pacaraima and Santa Elena de Uairén

**Abstract:** The article portrays the Pacaraima (Roraima, Brazil) / Santa Elena de Uairén (Gran Sabana, Venezuela) border as a zone of intense mobility and language contact. Since 2015, Venezuela’s economic and political crisis has increased migration and fueled tensions, while everyday cross-border ties continue to operate beyond legal and geographic boundaries. The towns are considered “twin cities” separated by a dry border of roughly 15 km, historically framed by agreements such as the 1859 navigation and boundary treaty. Much of Pacaraima’s territory lies within Indigenous Lands (São Marcos; Raposa Serra do Sol), producing a complex sociolinguistic setting where Portuguese, Spanish, and Indigenous languages (Taurepang, Makuxi, Arekuná, Wapixana) coexist. Daily interactions rely on flexible bilingual practices and mutual accommodation, often enabling smooth communication. Migration has tripled school enrollment, turning classrooms into multilingual spaces and challenging educators. In tourism and trade linked to the Gran Sabana, Portuguese remains prominent, though its presence shifts across urban areas. The article concludes that the border’s complexity is sustained by continuous cultural and linguistic exchange.

**Keywords:** Pacaraima; Santa Elena de Uairén; Brazil–Venezuela border; twin cities; Venezuelan migration (2015); dry border; language contact

---

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP/Araraquara). Professor dos cursos de Letras-Espanhol da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4855363975410107> | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5136-8222>.

## **Pacaraima/Roraima**

De um lado temos Pacaraima/Roraima, cidade do extremo norte brasileiro, e do outro, Santa Elena de Uairén/Gran Sabana, cidade do extremo sul venezuelano. A partir de 2015, a fronteira entre esses países virou palco de inúmeros conflitos, inclusive armados, devido à crise econômica e, conseqüentemente, migratória na Venezuela. No entanto, os laços que unem esses dois municípios ultrapassam questões jurídicas, políticas ou geográficas, pois não existe uma delimitação entre fronteiras linguísticas.

Ao longo da história do Brasil foram realizados e consagrados vários tratados de limites e fronteiras. O *Tratado de limites e navegação fluvial* foi celebrado entre Brasil e Venezuela em 1859<sup>2</sup>. Na foto 1, temos o Brasil à esquerda e a Venezuela, à direita. No meio das bandeiras, em cor branca, estão os marcos fronteiros, que estabelecem a divisão geográfica entre os dois países.

**Foto 1** – Fronteira Brasil/Venezuela



**Fonte:** Arquivo pessoal (2012)

De acordo com a Comissão Permanente para o Desenvolvimento e a Integração da Faixa de Fronteira<sup>3</sup> (CDIF), Pacaraima e Santa Elena são consideradas cidades-gêmeas, pois o “território do município faz limite com o país vizinho e sua sede se localiza no limite internacional, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação com uma localidade do país vizinho”. A distância entre as duas cidades é de aproximadamente 15 km, sendo considerada uma fronteira *seca*, pois não há acidentes geográficos, tais como rios ou lagos, dividindo as duas cidades.

A ocupação do norte do Estado de Roraima se deu com a instalação de uma unidade militar durante o período da ditadura militar, atualmente o 3º Pelotão Especial de Fronteira, e a construção da BR-174, entre as décadas de 1960 e 1980. O interesse pela região Norte “baseou-se na doutrina de segurança nacional e no projeto de modernização do Brasil” (ROCHA; SILVA, 2012, p. 45).

---

<sup>2</sup>[https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Pcdl/pt-br/file/Fronteiras/Venezuela/4\\_1%20%20Tratado%20de%20Limites.pdf](https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Pcdl/pt-br/file/Fronteiras/Venezuela/4_1%20%20Tratado%20de%20Limites.pdf)

<sup>3</sup> <http://cdif-cdif.blogspot.com.br>

**Pacaraima** é um dos 15 municípios de Roraima e sua criação surgiu com o processo de desmembramento de terras do município de Boa Vista, capital do estado. Em 1995, nasce Pacaraima por meio da Lei nº 096 de 17 de outubro do mesmo ano. A sede municipal dista 215 km da capital roraimense e seu acesso terrestre se dá única e exclusivamente pela rodovia BR-174. Antes de sua emancipação, quando vila, era conhecida como BV-8, em referência ao marco fronteiroço Brasil/Venezuela nº 8.

O município de Pacaraima ocupa uma área total de 8.063 km<sup>2</sup>, sendo que 7.920 km<sup>2</sup> pertencem a duas Terras Indígenas, a saber: São Marcos e Raposa Serra do Sol. A primeira foi criada em 1992 e a segunda, em 2005. A sede do município está em área não indígena. A cidade faz divisa com a cidade de Santa Elena de Uairén/Venezuela ao norte, com Boa Vista e Amajari ao sul, com Normandia e Uiramutã ao leste e com Amajari ao oeste.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2022), a população pacaraimense era de 19.305 habitantes. O aumento populacional aconteceu devido à crise política e econômica iniciada na Venezuela em 2015. Pacaraima passou a ser porta de entrada de muitos venezuelanos no Brasil. No entanto, o lado brasileiro não teve como absorver todo esse contingente de migrantes, o que gerou conflitos entre brasileiros e venezuelanos não apenas na fronteira, mas também em outros municípios roraimenses.

Como descrito, o município está localizado em uma região de fronteira com outro país, a Venezuela, e duas áreas indígenas. O cenário (socio)linguístico é complexo, pois além do português como língua oficial, falam-se o espanhol e as seguintes línguas indígenas: o taurepang, o makuxi, o arekuná e o wapixana.

Nesse contexto, encontramos brasileiros das mais distintas regiões do país, principalmente nordestinos, hispanofalantes, venezuelanos em sua grande maioria, e indígenas de várias etnias de ambos os países. O fluxo fronteiroço, ou seja, entre as cidades, faz com que esses indivíduos interajam diariamente, propiciando-lhes escolhas de desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional tanto em Pacaraima como em Santa Elena.

Devido ao grande fluxo migratório de venezuelanos, o setor educacional teve sua quantidade de alunos triplicada, especialmente na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Esse crescimento não se concentrou apenas em Pacaraima, mas também em Boa Vista. O cenário escolar é multilíngue e, segundo relatos, muitos professores/gestores não sabem como agir com alunos falantes de espanhol.

Por outro lado, a ocupação do sul venezuelano aconteceu quase no mesmo período que a do norte brasileiro (1960-1980). A criação da cidade de Puerto Ordaz, da Usina Hidrelétrica de Guri e do Parque Nacional Canaima, este último localizado em Santa Elena, contribuíram para acelerar esse

processo. A grande atração desse Parque é o Monte Roraima, cuja distribuição é a seguinte: 85% faz parte da Venezuela; 10%, da Guiana; e 5%, do Brasil. O melhor ponto de subida é em Santa Elena, o que atrai uma grande quantidade de turistas para a região.

**Santa Elena de Uairén** é um dos 11 municípios do Estado Bolívar, extremo sudeste da Venezuela, e faz fronteira com Sifontes e Piar ao norte, Pacaraima ao sul, República Cooperativa da Guiana ao leste e Bolivariano Angostura ao oeste. A localidade, que surgiu do garimpo na região, foi fundada por Lucas Fernández Peña no ano de 1923. No entanto, foi apenas em 1990 que a Assembleia Legislativa do Estado Bolívar formalizou esse estatuto.

A cidade de Santa Elena possui uma área de 32.990km<sup>2</sup> e tinha uma população de 39.396 pessoas, segundo dados do *Instituto Nacional de Estadísticas* (INE) (2011). No entanto, em 2015, essa população caiu para 31.734 habitantes, ou seja, houve um encolhimento de 7.662 moradores em quatro anos. Tais números podem ser bem maiores, haja vista a grave crise em que vive o país. O Estado Bolívar conta ainda com a presença de 7,54% de indígenas.

Tem sido mínimo o acesso à bibliografia específica sobre Santa Elena, mas o seu perfil se assemelha ao de Pacaraima. Pela nossa experiência como pesquisador da região, verificamos que a cidade venezuelana possui escolas de ensino básico e, pelo menos, uma instituição de ensino superior, a *Universidad Experimental de Guayana* (UNEG). Os cursos superiores são na área de administração, contabilidade e turismo.

Antes da crise econômica, a cidade de Santa Elena era tomada de turistas brasileiros. Na zona central, a língua predominante é o português. E essa língua portuguesa falada, sobretudo, pelos comerciantes locais, apresenta características do sotaque roraimense. Por outro lado, quanto mais distante do centro comercial, a presença da língua portuguesa diminui e se escuta mais espanhol e línguas indígenas. No âmbito escrito, em várias lojas, observam-se cartazes bilíngues, tal como se vê na Foto 2 – *Cartaz bilíngue em uma loja de Santa Elena/Venezuela*

**Foto 2** – Cartaz bilíngue em uma loja de Santa Elena/Venezuela



**Fonte:** Arquivo pessoal (2015)

Na foto 2, temos em espanhol *Feliz navidad acepto mi Aguinaldo* e em português, *Feliz natal deixe seu bônus*, referindo-se às gorjetas de final de ano. É comum, por exemplo, encontrar textos

escritos bilíngues nas fachadas de lojas ou avisos em prateleiras ou vitrines de estabelecimentos comerciais venezuelanos. Do lado brasileiro, a frequência é menor.

Os brasileiros já não compram mais em Santa Elena por conta dos preços elevados. Houve uma inversão de fronteiras: o trajeto se voltou para Lethem, na Guiana. O que tem impulsionado a economia do lado venezuelano são passeios turísticos para a região da *Gran Sabana*. Os grupos partem de Boa Vista para Pacaraima, onde trocam o micro-ônibus ou ônibus por carros de tração da Venezuela. Como pesquisador, ficava observando o contato de brasileiros e venezuelanos. É bastante claro que ambos os grupos não conhecem a língua do outro e os diálogos acontecem, muitas vezes, truncados.

Paralelamente, existe a presença indígena dos povos pemon, formados por vários subgrupos, como arekuná, taurepang, macuxi, patamona. Todos eles utilizam o espanhol como língua de contato. No lado brasileiro, o português ocupa essa posição.

## **REFERÊNCIAS**

COMISSÃO PERMANENTE PARA O DESENVOLVIMENTO E A INTEGRAÇÃO DA FAIXA DE FRONTEIRA (CDIF). Disponível em: <http://cdif-cdif.blogspot.com.br/>. Acesso em: 19 mar. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades e estados. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html>. Acesso em: 17 mar. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). Disponível em: <http://www.ine.gov.ve/>. Acesso em: 13 abr. 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Tratado de limites e navegação fluvial Brasil/Venezuela. Disponível em: [https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Pcdl/pt-br/file/Fronteiras/Venezuela/4\\_1%20-%20Tratado%20de%20Limites.pdf](https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Pcdl/pt-br/file/Fronteiras/Venezuela/4_1%20-%20Tratado%20de%20Limites.pdf). Acesso em: 18 mar. 2019.

MOTA, Fabricio Paiva. Contato linguístico na fronteira Brasil/Venezuela: produções textuais de hispanos aprendizes de PLE. 2014. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Comunicação, Letras e Artes Visuais, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2014.